



*Outorga do Título de Professora Emérita a*

---

*Maria Lígia Coelho Prado*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITOR:**

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**DIRETOR:**

Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

**VICE-DIRETOR:**

Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**COORDENAÇÃO:**

Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros - MTb. 35814

**DIAGRAMAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

**REVISÃO:**

Wiviane Ribeiro do Carmo

**SECRETÁRIA:**

Neusa Bispo de Oliveira


**AUDIOVISUAL:**

Carlos Roberto Xavier

Renan Braz Martins

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH

**TIRAGEM:** 250 exemplares

 Universitas Paulopolitana

Philosophiae, Litterarum Scientiarumque  
Humanarum Facultas

Itaque Doctor Sandra Margarida Miltrini, Philosophiae Litterarum Scientiarumque Humanarum Facultatis Moderatrix in Universitate Paulopolitana, cum actum uidissem et perlegissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante diem vii Kal. Jun. anno mxcxi praeclara semina

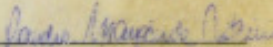
**Maria Rígia Coelho Prado,**


Historiae peritissima,

**Professor Emerita**

rile declarata est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honoribus privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus et quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Aedibus Paulopoli in Brasilia,  
ante diem vi Idus Maias anno mxcxi.

  
Prof. Dr. Sandra Margarida Miltrini  
Facultatis Moderatrix

  
Kelly Cristine Soares Inhabilis  
Facultatis ab Actis



**CERIMÔNIA DE OUTORGA**  
**DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA**  
**PROFA. DRA. MARIA LIGIA COELHO PRADO**

*Data:* 10 de maio de 2012

*Horário:* 14h30

*Local:* Salão Nobre - Prédio da Administração  
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária



# Sumário

Abertura .....	9
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini	
Agradecimentos .....	11
Prof. Dra. Sara Albieri	
Saudação à Prof. Dra. Maria Ligia Coelho Prado .....	13
Prof. Dr. Modesto Florenzano	
Discurso da Homenageada .....	19
Prof. Dra. Maria Ligia Coelho Prado	





## ABERTURA



Em nome do reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. João Grandino Rodas, e em nome da Congregação da FFLCH, dou início à sessão solene de outorga do título de Profa. Emérita à Profa. Dra. Maria Lígia Coelho Prado, professora titular em História da América Independente do Departamento de História.

O título de Professor (a) Emérito(a) é conferido pela Congregação a docentes aposentados, que se notabilizaram por suas inestimáveis contribuições para o ensino, pesquisa, cultura e extensão. No convite para esta cerimônia, as palavras do Prof. Dr. Modesto Florenzano nos apresentam de modo sucinto, como não poderia deixar de ser, mas convincente, os feitos acadêmicos, intelectuais e institucionais, da Profa. Lígia, a partir de 1975, quando ingressou como docente na FFLCH, até 2010, ano de sua aposentadoria. Mas eu gostaria de salientar neste momento que Profa. Lígia não encerrou suas atividades acadêmicas e intelectuais, nem suas contribuições para a FFLCH, no ano de 2010. Ela continua atuante na pós-graduação, dedicada às suas pesquisas, e tem respondido com vigor e entusiasmo às solicitações institucionais, ainda cabíveis à sua condição atual, como docente aposentada. O tema da aula magna que lhe coube proferir no dia 08 de março deste ano foi encomendado pela Congregação. É praxe o

professor ou professora convidado(a) propor o tema de sua aula. A Profa. Lígia acatou o pedido da Congregação sem nenhum questionamento e preparou sua brilhante aula para os calouros de 2012, à qual deu o título “Universidade em perspectiva Histórica: Projetos do Passado e Desafios do Presente”. Essa aula compõe o material básico para o projeto da Congregação, que consiste em incentivar discussões nas salas de aula sobre o tema Universidade, democracia e violência, conforme a programação anunciada para os meses de abril e maio. A aula magna encontra-se à disposição do público no site do Serviço de Comunicação da FFLCH. A aula, sua repercussão e seu aproveitamento como referência para discussões atuais sobre os problemas de nossa Universidade, bem como sua atuação na pós-graduação, demonstram o quanto a contribuição da Profa. Maria Lígia para a FFLCH não se encerra num rico, reconhecido e profícuo legado construído no passado, mas ainda é viva no presente.

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI  
DIRETORA


## AGRADECIMENTOS

Senhora Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Professora Doutora Sandra Nitrini;

Senhores membros da mesa;

Autoridades universitárias e professores eméritos presentes;

Senhoras e senhores

 Em nome do Departamento de História, agradeço à Congregação desta Faculdade a outorga do título de professora emérita à estimada professora Maria Ligia Coelho Prado.

Em sua longa e frutífera carreira nesta escola, a professora Ligia – como é conhecida por todos – atuou com talento e competência nos vários âmbitos da vida universitária. Foi professora, pesquisadora, mestra de mestres, sempre atenta ao mais elevado comprometimento institucional.

Ademais, muito nos honra e alegre poder contar com a continuidade de sua contribuição, como pesquisadora e orientadora, na pós-graduação em História Social.

Por tudo isso, reunidos aqui hoje para esta justa homenagem, cumprimentamos a professora com as mais calorosas saudações universitárias.

PROFA. DRA. SARA ALBIERI  
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SAUDAÇÃO À  
PROFA. DRA. MARIA LIGIA COELHO PRADO

*T*er sido escolhido para, representando a Congregação, falar da historiadora Maria Lígia Prado, nessa homenagem que a consagra como Professora Emérita da Faculdade – não poderia ser uma honra maior para mim, mas também uma grande responsabilidade. Porque muitas são as armadilhas e os perigos em que se pode cair ao se fazer o elogio de uma pessoa tão amiga e cara e a quem tanto admiro. Espero, contudo, ao falar da Lígia, como passo a chama-la a partir de agora, obedecer aos imperativos do decoro, da objetividade e da veracidade.

O que acabo de dizer vale também para o que escrevi sobre a Lígia no texto convite para a sua homenagem. Tentarei, pois, nessa segunda oportunidade, em que disponho de mais tempo, oferecer uma interpretação sobre o sucesso de sua carreira e sua significativa contribuição à nossa Faculdade.

Começarei com a figura da Lígia como historiadora, historiadora cuja obra, vista em seu conjunto, chama a atenção pela coerência, pela notável continuidade tanto em termos teórico-metodológicos quanto temáticos. Em seu ofício, bem como em sua vida, Lígia nunca mudou de posicionamento, um posicionamento sempre à esquerda, sempre

crítico às duas maiores forças de nosso tempo, o capitalismo e o liberalismo, sabendo conservar o que há, ou deveria haver, de melhor e mais alto nessa atitude e visão de mundo, vale dizer, um inconformismo com todas as formas de injustiça e de exploração, com as convenções e tradições opressivas e, em contrapartida, uma sensibilidade e generosidade para com todos quantos sendo vítimas de dominação lutam por se libertar.

Contudo, e ao mesmo tempo, seus livros e numerosos artigos, escritos todos *sine ira et studio*, nada tem de rigidez ou dogmatismo, apresentando, ao contrário, um caráter aberto e progressivo; aberto a todas as dimensões e âmbitos da vida, incorporando, além do político e do socioeconômico, também o cultural no sentido mais amplo, indo da própria cultura política às artes plásticas e à literatura; e progressivo porque prontos a incorporar o avanço no conhecimento, nas vezes em que isso acontece com as novas correntes intelectuais que periodicamente aparecem no campo das ciências humanas. O fato de Ligia ser uma historiadora independente com relação às várias correntes e teorias historiográficas, não significa que não tenha dívidas com alguns grandes historiadores, entre os quais creio ser Marc Bloch o nome mais importante. Como esse extraordinário historiador, Ligia também é fascinada e trabalha com história comparada e, como ele, também se interessa e procura a história em todas as ações e expressões humanas.

Passo agora à figura da Ligia como professora, observando que se a história lhe corre pelas veias, a docência é no seu caso uma autêntica vocação, é, nas palavras de Weber, em *A Ciência como Vocação*, “um dom pessoal [qu]e de maneira alguma se confunde com os conhecimentos científicos de que seja possuidora uma pessoa”. Com efeito, quando se trata de ensinar, de dar aula seja na graduação, seja na pós e/ou em qualquer outra situação, a Ligia está no seu elemento. Não apenas porque, como se espera de todo professor, fala sempre com perfeito domínio do conteúdo, mas porque fala com paixão, sem a qual, novamente nas palavras de Weber, “não se possuirá jamais a vocação de cientista...”.

Mas além de dominar o conteúdo, Ligia também ensina sempre com clareza e elegância e, o que não é menos decisivo, com profundo respeito para com os que a estão ouvindo, porque tal como Weber, agora de *A Política como Vocação*, acredita que, nas palavras deste: “O simples fato de que um de meus interlocutores tem vinte anos, quan-

do eu já passo dos cinquenta, não pode, afinal de contas, autorizar-me a pensar que isso constitua uma conquista diante da qual se imponha uma respeitosa inclinação. Não importa a idade, mas sim a soberana competência do olhar, que sabe ver as realidades da vida, e a força de alma que é capaz de suportá-las e de elevar-se à altura delas”.

Não surpreende, por isso, que as aulas da Ligia suscitassem reações, às vezes inesperadas. Vou dar dois exemplos nesse sentido, um mais antigo e apenas curioso e outro mais recente e fecundo. No fim da década de 70 e/ou início da seguinte, no curso regular de História da América Independente, que Ligia ministrava naquele ano, no momento em que um grupo de alunos, previamente designado, ia apresentar o seminário, eis que a luz é apagada e um deles começa, como parte do seminário, a tocar um saxofone...

Mais recentemente, em 2002, Ligia estava ministrando uma disciplina optativa de História das Idéias quando explode a famosa e longa greve dos alunos, de todos os cursos da graduação, reivindicando a contratação de mais professores e que paralisou toda a Faculdade. O que fez a Ligia? Propôs aos alunos, e estes aceitaram, trabalhos que fizessem uma pesquisa sobre a greve em curso, como resultado, no ano seguinte, em 2003, vinha à luz, pela editora Humanitas, *Notícia de uma greve: a greve estudantil da FFLCH/USP*, livro coletivo, escrito por 6 alunos e por ela organizado.

No âmbito da pós-graduação, a mesma criatividade e fecundidade de resultados. Aqui também me limito a dois fatos. Na disciplina que ministrou em 1987, da dezena de alunos que frequentaram o curso, metade sob sua orientação, dois foram contratados no departamento de História desta Faculdade, dois nos departamentos de história da UNESP, campi de Assis e Franca, dois em departamentos de História de Universidades Federais, sendo um deles o da UFMG – e todos contratados por concurso público.

Por outro lado, um desses seus orientandos, quando faltava aproximadamente um semestre para entregar a sua tese de doutorado, sentindo-se bloqueado com a pesquisa disse à ela que não iria conseguir e que estava decidido a desistir. O que fez a Ligia? Pediu-lhe que entregasse tudo o que tinha escrito que somava cerca de 150 páginas, que

ela iria ler e avaliar, depois do que chamou o orientando e lhe disse algo assim: tua tese está praticamente pronta, com as cem páginas iniciais a primeira parte está feita, o restante você desenvolve e terá a segunda e terceira partes; não é que a tese foi concluída dentro do prazo e milagrosamente aos olhos do próprio candidato. Detalhe, essa tese não tinha por objeto nem o Brasil nem a América Latina, ou seja, estava fora do campo de especialidade da Ligia.

Com essa experiência e predicados raros, também não surpreende que a Ligia, ao ministrar, nos fins dos anos oitenta e início dos noventa, alguns cursos em mais de uma universidade norte-americana, tenha recebido convite para aí se estabelecer. Felizmente para todos nós, ela não quis lá ficar, preferiu atuar aqui e semear pela nossa Faculdade. E o resultado de sua colheita, a contribuição por ela deixada em todos esses muitos anos de cursos e orientações foi e é extraordinário. Como contraprova do que acabo de dizer lembro aqui a verdadeira ovação de que ela foi objeto na conferência que proferiu, no ano passado, no encontro comemorativo dos 50 anos da ANPUH, em que fez um luminoso balanço de sua carreira. O auditório da Geografia estava lotado de gente, de historiadores e professores provenientes de todos os rincões do país. Muitos deles tinham sido por ela orientados e muitos outros ainda eram orientandos de seus ex-orientados.

Por tudo isso, não é exagero dizer que a formação e desenvolvimento da área de história da América Latina – que agora existe vigorosa em várias partes do país – se confunde com a carreira e a atuação da Ligia. Se ela não foi pioneira, ela certamente foi e é sua principal animadora e líder.

Por fim, trato agora de uma Ligia que vou chamar de combatente republicana, da sua atuação no dia a dia da vida do departamento, ao longo de trinta e cinco anos. Ressalto que não basta dizer, para começar com esse aspecto de sua carreira, que ela foi representante, por muitos anos, das categorias dos mestres e dos doutores no Conselho do departamento, porque é preciso saber que isso ocorreu na época da ditadura, numa época em que seu contrato era precário, precisando ser renovado a cada dois anos, e em que um dos donos do departamento, e não é exagero dizer isso, era um professor inominável o qual, em 1968, fez a denúncia contra a Profa. Emília Viotti que redundou na sua cassação e, em



1973, entregou ao DEOPS, isto é, à polícia política, uma lista com o nome de todos os alunos que haviam se envolvido em uma greve contra um professor do departamento.

A Ligia nunca conheceu, nem naqueles anos difíceis nem depois, nas palavras de Weber, para citá-lo uma última vez, “a fraqueza de não ser capaz de encarar de frente o severo destino do tempo em que vive”. No final dos anos noventa, ela, então chefe de departamento, foi posta novamente à prova. Decidiu enfrentar e resolver o grave problema que então assolava o prédio da História e Geografia, o do tráfico de drogas à luz do dia e todos os dias. O que fez a Ligia? Mobilizou os alunos e com o apoio destes e da Direção da Faculdade conseguiu limpar o prédio.

Dizia há pouco que a Ligia sempre tratou os alunos com respeito e igualmente com respeito sempre tratou funcionários e colegas, quaisquer que fossem os postos e os cargos por estes ocupados. Mas é preciso dizer também que, ao mesmo tempo e em contrapartida, a Ligia sendo uma pessoa muito corajosa nunca conheceu o temor por nenhuma dessas três categorias. Coisa rara, do seu modo de agir destemido resultou sempre que sua firmeza com os princípios e sua combatividade solidária não descambaram nunca na irresponsabilidade e no radicalismo gratuito e inconsequente.

No início da década passada, a Ligia, então no auge de sua carreira, teria podido, se assim tivesse desejado, se candidatar e certamente vencer a eleição para dirigir a Faculdade. Não o fez não porque não quisesse, como tantos colegas, se desviar de uma carreira *solo*. Não o fez porque sempre preferiu batalhar no seu Departamento. Como provam os seguintes exemplos. Exemplos verdadeiramente exemplares. Naquele mesmo momento em que ocorria a eleição para a Diretoria da Faculdade, também havia eleição para Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História Social e que acabava de perder a nota 7. O que fez a Ligia? Prontificou-se a, sem nenhuma função formal, tocar o dia a dia, da nova gestão, graças à qual, e com contribuição decisiva da Ligia, o Programa recuperou a nota 7. Terminada essa tarefa de carregadora do piano, digamos assim, o que faz a Ligia em seguida? Passa à coordenadora da Comissão de Graduação do curso de História. Corria então o ano de 2004 e no Departamento criou-se uma crise, resultante de uma espécie de vazio de poder. O que fez a Ligia? Visando superar a crise e ao mesmo tempo renovar a chefia do Departamento propôs a um colega que se candidatasse,

por que ela não só o apoiaria, mas, se aceitasse a incumbência, seria sua vice-chefe. E assim aconteceu. Em suma: a Ligia, ao invés de um possível cargo de Diretora da Faculdade, preferiu assumir cargos de menor expressão no seu departamento.

Ora, a meu juízo, tamanho desprendimento pessoal e devotamento cívico, por parte da Ligia, à sua instituição, merece que se faça um paralelo histórico. Num primeiro momento ocorreu-me fazê-lo com o que diz Tocqueville em *A Democracia na América*, quando para explicar e exaltar a importância da prática associativa entre os norte-americanos formula o conceito de *l'intérresse bien entendu*, do interesse bem compreendido, isto é, da complementaridade que pode acontecer entre o interesse particular e o interesse coletivo. Mas depois, refletindo melhor, ocorreu-me que o paralelo mais apropriado e feliz, para exaltar essa característica cívica exemplar de nossa homenageada, seria com o *vivere civile* florentino de que fala Maquiavel, daqueles momentos em que não poucos cidadãos de Florença, quando a liberdade da cidade corria perigo, subordinavam seus interesses particulares ao interesse público, ao bem comum da coletividade.

Concluo lembrando um último traço da personalidade da Ligia, a ironia. Sabemos todos como ela se vale o tempo todo desse recurso para se expressar. E sempre que vem à baila algo que diz respeito à sua personalidade e espírito refinado, Ligia, recorrendo à ironia, atribui isso à sua origem aristocrática, ao bairro de Santo Amaro e ao colégio Sion. Suspeito que de tanto ironizar sobre isso, a Ligia acabou por acreditar, ou talvez, tenha sempre assim acreditado, que essa sua nobreza de caráter ela a deve ao nome Prado, aos ares de Santo Amaro e ao Sion. Mas prefiro acreditar, como acreditavam os grandes humanistas do Renascimento, que a única verdadeira nobreza é a espiritual e que, portanto, a nobreza da Ligia, sem demérito ao nome Prado, aos ares de Santo Amaro e às freiras francesas, nada tem a ver com estes últimos. Porque se trata de uma virtude rara e misteriosa, que não se explica nem pelo sangue, nem pelo dinheiro e, nem mesmo, pela educação. Que *fortuna* a da nossa Faculdade, ter entre seus membros uma Professora Emérita dotada de tão alta – e extraordinária – *virtù*.

PROF. DR. MODESTO FLORENZANO  
VICE-DIRETOR

## DISCURSO DA HOMENAGEADA

*A*gradeço emocionada a esta Faculdade – na pessoa de sua Diretora, Profa. Dra. Sandra Nitrini – pela homenagem que ora recebo.

Agradeço ao Departamento de História – na pessoa de sua Chefe, Profa. Dra. Sara Albieri – pelo apoio e reconhecimento.

Não tenho palavras para agradecer ao meu querido amigo, Modesto Florenzano, por esta linda, generosa e carinhosa saudação que me tocou profundamente.

A condução a esta sala por Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e por Maria Helena Rolim Capelato tem, para mim, um significado transcendental; Ulpiano, por ser exemplo ímpar de intelectual; e Maria Helena, irmã e parceira intelectual, por ser o símbolo de uma amizade e cumplicidade que dura mais de 40 anos.

A presença de todos que aqui estão (sei que alguns vieram de bem longe) – queridos familiares, amigos, colegas, ex-alunos, alunos e funcionários – se constitui em extraordinário privilégio que me gratifica e reconforta.

Transformar em discurso de agradecimento os muitos sentimentos que me do-

minam não é tarefa simples. Temerosa de seu cumprimento, invoquei as musas da eloquência, da retórica, da poesia! Mas elas não me ouviram. Clamei por Clio. Em vão!

Em busca de solução, perdi-me em devaneios, reminiscências e recordações. Voltei ao passado e meus sentimentos se mesclaram: a nostalgia pelo tempo que fugiu; a saudade dos que se foram; a segurança afetiva da família; as sólidas amizades; a alegria da docência; o prazer da pesquisa; as lutas políticas; os desgostos; as perplexidades; as convicções; a esperança. Senti que a imagem da adolescente inquieta e introspectiva que outrora fui e que, lendo livros e mais livros, buscava encontrar respostas filosóficas para os enigmas da existência, ainda me rondava. Escreveu Carlos Fuentes que “as guerras contra as lembranças são perdidas, no fim, por quem as realiza. Temos de fazer presente o passado...”.

Então, façamos presente o passado! Nós, historiadores, somos os mestres do tempo. Com familiaridade, analisamos as várias temporalidades na História. Discorremos sobre permanências, mudanças e rupturas. Porém, quando desejamos narrar nossa própria trajetória, pensar o tempo de nossa vida, nos enredamos nas tramas da memória e do esquecimento e, tantas vezes, nos perdemos na busca de sentido para nossos atos e na garantia de sua fidelidade. Enfim, falar de si próprio em público é perturbador. Além disso, é sempre preciso conter o primeiro impulso de, ao olhar para o presente, invocar a célebre invectiva de Cícero contra Catilina: “O tempora! O mores!” e lamentar os desacertos dos dias atuais.

Porém, a despeito de tudo, façamos presente o passado! Desse modo, de um lado, tento aplacar a saudade – “memória em estado de incandescência” - como disse Eduardo Lourenço. De outro, recordar é um ato relacional, de alteridade, que me permite contar algo sobre a experiência da minha geração nesta Casa e sobre o meu particular envolvimento com a área de História da América Independente.

A Faculdade que conheci, quando comecei a ensinar, é bastante diferente da atual. Nesses 40 anos, notei formas diversas de entender a vida universitária e presenciei mudanças significativas que acompanharam as sucessivas gerações. As identidades e lealdades institucionais se transformaram, acompanhando outros modos de compreender a inserção docente na academia.

Pertenço à assim chamada geração de 68 cujo perfil é bastante definido. Geração que se formou em uma época onde havia uma linha divisória distinguindo duas maneiras de se relacionar com o mundo à sua volta: ser a favor ou contra a ditadura. Nós assumimos um posicionamento crítico frente ao regime civil militar que se apoiava em convicções políticas e grande comprometimento institucional. O contexto assim o exigia. Foram tempos muito difíceis, de medo, de perseguições, mas também de fortes amizades, de solidariedade e de muita esperança no futuro. Nossa geração acreditava estar do lado certo da trincheira, com a História apontando-nos o caminho em direção ao futuro promissor.

Fiz a graduação entre 1968 e 1971. Durante o curso não me sentira atraída pela disciplina de História da América. Estive voltada fundamentalmente para as matérias de História do Brasil e de História Moderna e Contemporânea. E foram os professores dessas áreas que marcaram minha formação como historiadora: Maria de Lourdes Mônaco Janotti, Suely Robles Reis de Queiroz, José Sebastião Witter, Maria Odila Silva Dias, Maria Thereza Schorer Petrone, Fernando Novaes, José Jobson de Arruda e, naturalmente, Carlos Guilherme Mota, meu futuro orientador no mestrado e doutorado. Mas não me esqueço de um curso sobre História da Grécia ministrado por Paulo Pereira de Castro e de outro sobre Roma por Aldo Janotti. Nunca pude ser aluna de Emília Viotti da Costa em função de sua cassação, nem de Sérgio Buarque de Holanda, que se aposentou em protesto contra as arbitrariedades do regime autoritário no meu segundo ano da Faculdade. Do mesmo modo, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses não foi meu professor na USP; porém tive o privilégio de ser sua aluna de latim no 3º. ano do curso Clássico no Colégio Sion.

Às vezes, imagino que meu encontro com a disciplina de História da América foi arquitetado por Fortuna, a deusa do destino. Durante a graduação, não encontrara, como já afirmei, afinidades especiais com a área, que não gozava de muito prestígio no Departamento. Formada e com o Mestrado defendido, foi aberto, em 1975, um concurso na disciplina de História da América. Apresentei-me como candidata à vaga por insistência de alguns amigos, entre eles, Ana Maria de Almeida Camargo. O Departamento, fugindo à regra - a praxe da época era uma simples indicação do “Catedrático” da “cadeira” -

propôs a abertura de um concurso de títulos que seriam examinados por uma comissão de três professores. Inscreveram-se 18 candidatos, sendo quatro aprovados.

Dessa maneira, comecei a lecionar História da América Independente. Não estava bem preparada para tal tarefa, especialmente porque, em meu curso de graduação, os séculos XIX e o XX jamais haviam sido contemplados nos programas da disciplina, cujos “limites” cronológicos máximos estavam dados pelo período das independências políticas. Com grandes dificuldades iniciais, sem referências bibliográficas básicas, sem modelos de interpretação estruturados, sem a definição de temáticas centrais, comecei a aventura de “desvendar” a História da América Latina Independente. Fizera uma primeira escolha, restringir-me à parte da América colonizada pelos espanhóis, deixando de lado a América anglo-saxônica. Fui descobrindo, aos poucos, a extraordinária História dos demais países da América Latina até me transformar numa apaixonada professora da disciplina.

É importante lembrar que ensinar História da América Latina contemporânea, naqueles anos de ditadura civil militar, significava carregar um ônus extra. Era politicamente perigoso aos olhos do regime. Muitas revoluções haviam sacudido o continente rebelde e a Revolução Cubana era entendida como um mau exemplo que não podia ser seguido.

Muitas vezes me perguntei sobre o porque do meu fascínio pela História da América Latina. Poderia oferecer longas explicações envolvendo questões de ordem cultural, política ou social. Porém, há uma passagem do romance de Carlos Fuentes, *La Campaña*, que concentra o eixo explicativo das minhas afinidades! O livro conta a saga da independência da América Espanhola e, num determinado trecho, o padre Quintana, líder radical dos rebeldes, fala sobre as ideias liberais com o revolucionário argentino, Baltasar Bustos. Diz Quintana: “Quem inventou essa frase ‘Penso, logo existo’? Que pretensão! Nem meu pensamento é meu, nem minha é esta existência. Nem penso, nem existo sozinho. Cada palavra é compartilhada ... [E continua Quintana para Baltasar], quando te escuto, creio que tu estás sendo muito simples com tua própria fé secular no progresso e na razão; ... por favor, Baltasar, seja sempre um problema, seja um problema para teu Rousseau e teu Montesquieu e todos os filósofos, não os deixe passar por tua alma sem pagar direitos de aduana espiritual; a nenhum governante, a nenhum Estado

secular, a nenhum poder militar ou econômico, não lhes dê tua fé sem tua confusão, tua complicação, tuas exceções, tua maldita imaginação deformante de todas as verdades!”

Esta fala de Quintana/Fuentes, para mim, exemplifica minha postura diante das interpretações da História da América Latina: é preciso sempre arguir, duvidar, polemizar, criticar e não se deixar levar pelos modelos historiográficos prontos que se forjaram na Europa ocidental.

Quando comecei a ensinar no Departamento de História, em 1975, depois de terminado o Mestrado, fazia muito pouco tempo que a outrora denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras fora, como resultado das Reformas de 1969, desmembrada e dera lugar à constituição que ora conhecemos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Eu nada entendia das entranhas do mundo universitário e dos meandros do funcionamento da instituição, mas percebia uma hierarquia “natural” estabelecida entre os docentes. No topo, os catedráticos (ainda que o cargo não mais existisse), e abaixo, os demais. Rapidamente compreendi que, do mesmo modo que no Olimpo, o cotidiano universitário dos mortais estava atravessado por conflitos e disputas.

Logo nos primeiros anos, em 1978, fui eleita representante dos mestres para o Conselho do Departamento de História. Este foi meu noviciado político que compartilhei com as queridas amigas, Maria de Lourdes Janotti e Sylvia Bassetto, também integrantes do Conselho. Nós três formávamos um bloco contra o poder dos titulares/catedráticos. Perdíamos todas as votações, mas marcávamos nossa presença. Fazíamos parte de um grupo de professores mais jovens - que hoje constituem a “velha guarda” do Departamento – que tinha uma proposta política de democratização das instâncias de poder do Departamento. Elaboramos um programa com reivindicações: contratação de docentes por concurso; criação de uma Plenária (no lugar do Conselho) com a participação de todos os professores com direito a voz e voto, e com representantes de alunos e de funcionários; e eleição direta do Chefe do Departamento pelas três categorias. Depois de muitos embates, tais objetivos foram alcançados. Lembro esses episódios com o intuito de enfatizar que o comprometimento político/institucional era parte integrante da agenda da minha geração.

Sempre gostei de dar aulas. Assim foi desde os tempos de criança, quando brincava de “escolinha”, obrigando minha irmã e meu irmão a serem os alunos não muito felizes com a ideia. Até hoje, nunca perdi o prazer de ensinar. Tenho clareza de que aprendo muito com os alunos que nunca permitiram que eu me perdesse em saudosismo, a lembrar “as glórias do meu tempo” e a abominar as mudanças do presente. Eles estavam lá, na sala de aula, esperando que eu pudesse responder às questões levantadas e a corresponder a sempre renovadas expectativas. Os alunos têm a capacidade de me rejuvenescer, me estimular e me contagiar com o entusiasmo e a energia próprios da juventude. Por isso, já escrevi faz um bom tempo que eles são o sal da vida universitária.

Aconteceu muitas vezes que, ao término do curso regular de América Independente, um punhado de alunos, animados com a descoberta dos temas latino-americanos, me procurava, manifestando a vontade de continuar a pesquisar. Assim, constituí diversos grupos de estudo. O primeiro deles surgiu em 1981, com o nome de AEELA (Associação de Estudos Latino-Americanos), do qual participaram futuros alunos de pós e hoje professores universitários, como José Luis Beired, Alberto Aggio e Kátia Gerab e outros que não seguiram a carreira universitária como Ângela Marques da Costa. O último grupo encerrou suas atividades no final de 2011; por quase três anos, reuni-me com 6 alunos do período noturno, integrantes da minha derradeira turma de graduação.

Em 1984, iniciava-se uma nova fase da minha trajetória acadêmica, a de orientação na pós-graduação. Tomei a firme decisão de me dedicar exclusivamente à formação de jovens pesquisadores em História da América Latina (séculos XIX e XX). Era um desafio, pois não havia uma tradição de pesquisa na área. Uma escolha distante das “correntes da moda”, pois a América Latina não atraía muito interesse e nem despertava grande entusiasmo. Como não sei fazer nada sem pleno envolvimento, dediquei-me a esse projeto com convicção, ainda que não houvesse qualquer segurança de que fosse dar certo. No início, éramos poucos e bastante isolados. Decidi, então, constituir um grupo aberto com meus alunos de pós-graduação, criando um espaço onde eles apresentariam e discutiriam suas pesquisas individuais. Nos encontramos, sistematicamente, duas vezes por semestre, durante 25 anos, sem nunca haver uma institucionalização oficial.



Em retrospectiva, posso dizer, com muita satisfação e orgulho, que essa empreitada deu certo. Formei, na área de História da América, um excelente grupo de pesquisadores pelos quais tenho enorme carinho e afeto. Eles hoje ensinam nas principais universidades brasileiras, tendo publicado seus trabalhos de pesquisa. E, mais significativo, também orientam na área de América, garantindo sua continuidade e adensamento. Sigo orientando – tenho um seleto grupo de 10 alunos - com o entusiasmo e o rigor de sempre, acalentando as mesmas expectativas de que eles se tornarão futuros professores e pesquisadores em boas universidades. Para minha enorme alegria, muitos deles estão aqui presentes.

Nessas orientações, esteve sempre presente o desafio de pensar, a partir do Brasil, a pesquisa sobre a História da América Latina. Como desdobramento dessa abordagem ampliada, as escolhas temáticas emergiram do diálogo entre tais produções historiográficas, fazendo a crítica das consagradas visões eurocêntricas. Naturalmente, isto nunca significou o fechamento à historiografia européia. Tanto é assim, que, para mim, o texto de Marc Bloch sobre História Comparada, publicado em 1928, continua inspirador. Segundo ele, as historiografias nacionais são fechadas e não dialogam entre si. E acrescento eu, trabalham num certo circuito de temas, questões e interpretações que acabam tomados como “naturais”. Quando se trabalha com outro espaço nacional, familiarizando-se com uma nova historiografia, descobre-se um manancial de problemas e de hipóteses que não apareceriam se o pesquisador permanecesse encerrado na historiografia de seu país de origem. Ultimamente, a proposta das histórias conectadas e da história transnacional tem oferecido possibilidades de se pensar a circulação das ideias e a atuação de mediadores, sem tomar um único centro produtor e irradiador. Nesse sentido, continuo defendendo a perspectiva de que aproximações, comparações e conexões que pensem o Brasil no quadro da América Latina oferecem resultados profícuos e inovadores.

Não restam dúvidas de que a produção historiográfica e as publicações brasileiras sobre as Américas tiveram um notável incremento, nos últimos anos. E creio que os trabalhos dos docentes de História da América Independente do nosso Departamento contribuíram efetivamente para tal finalidade. A área foi ganhando o perfil que hoje apresenta, desde a entrada de Maria Helena Capelato para o Departamento em 1986; a

ela se juntaram Júlio César Pimentel Pinto Filho, Mary Anne Junqueira e Gabriela Pellegrino Soares, todos pesquisadores voltados para as Américas. Assim, fomos construindo um grupo coeso que, guardando as particularidades de cada um, manteve afinada sintonia nas tarefas docentes da disciplina.

A USP que conheci, na segunda metade dos anos 1970, se transformou. Aquele universo institucional fechado e tradicional que se localizava em território demarcado e fortemente hierarquizado me parece muito distante. Vivenciei seu estertor e não desejo trazer de volta o que já se foi.

Nesse período de tempo, tanto o Departamento quanto a Faculdade cresceram numericamente e também ganharam em qualidade. Por outro lado, preocupo-me com alguns aspectos do modelo atual de universidade, que consagrou a despolíticação do saber como valor positivo e impôs exigências que conduzem seus docentes a se voltarem exclusivamente para a própria carreira, para um individualismo exacerbado e para uma competição extenuante. Estabeleceram-se parâmetros quantitativos para a produção acadêmica, exigindo sua visibilidade não apenas em âmbito nacional, mas também no internacional. Nesse quadro, há uma tendência para que o antigo e forte sentimento de pertencimento à Faculdade, sustentado por grande lealdade e compromisso com a instituição, se enfraqueça.

Refletindo sobre o momento presente, considero central fortalecer e renovar nossos compromissos com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Nossa unidade, com reconhecido prestígio dentro da USP, tem enfrentado problemas extremamente difíceis e desgastantes nos últimos meses, como parte de mais uma das crises pelas quais passa a universidade. Mas na minha perspectiva, a Faculdade continua sendo nossa principal referência institucional e nosso porto seguro durante e depois das grandes tempestades.

Gostaria de terminar, voltando a agradecer. Ao Departamento de História e à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, minha gratidão. Agradeço pelo que me foi proporcionado: a formação intelectual, da graduação ao doutoramento; e um espaço extraordinário que me permitiu exercer o magistério com plena independência e pesquisar com liberdade e autonomia. Aprendi com

meus mestres e pude posteriormente ensinar a construir um pensamento reflexivo e crítico distanciado dos poderes políticos instituídos e a valorizar o debate democrático em que convivem respeitosamente ideias antagônicas.

Nesta Casa, recebi excelentes alunos e fiz maravilhosos amigos. Amigos - aqui presentes - que me apoiaram e me incentivaram e com os quais muito aprendi. Este primeiro círculo institucional possibilitou ampliar minhas relações e fazer tantos outros amigos queridos dentro da USP (na FAU, no MAE, no IEB, na ECA, na Faculdade de Educação) e também na UNESP e na UNICAMP ; e igualmente alcançar outras plagas – do Paraná, passando por Santa Catarina, aos rincões do Rio Grande do Sul, às montanhas de Minas Gerais, às praias cariocas e capixabas, ao centro-oeste. Fora do ambiente universitário, a presença de outros tantos amigos, que, bem sei, deixaram seus compromissos pessoais para estarem aqui comigo, me comove. Agradeço a todos com carinho e afeto. Sei que não é possível, mas a minha vontade era a de nomeá-los, um a um, para expressar minha alegria.

Aos meus filhos, netos, irmãos, enfim à minha família, simplesmente, o meu amor incondicional hoje e sempre.

Acostumei-me a dizer versos ao final das minhas falas. Hoje não poderia ser diferente. Assim, despeço-me com os versos do poeta uruguaio, Mario Benedetti,

“Hasta mañana”:

“Mi pesadilla es siempre el optimismo:  
me duermo débil, sueño que soy fuerte,  
pero el futuro aguarda. Es un abismo.  
No me lo digan cuando me despierte.”

MUITO OBRIGADA.

10 de maio de 2012

PROFA. DRA. MARIA LIGIA COELHO PRADO

